

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Maj Inf **DIOGO FERNANDES FALEIRO VIEIRA**

**Os atuais impactos dos conflitos no Oriente Médio na
política e sociedade europeia**



Rio de Janeiro
2022

Maj Inf **DIOGO FERNANDES FALEIRO VIEIRA**

Os atuais impactos dos conflitos no Oriente Médio na política e sociedade europeia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Orientador: Maj **GUSTAVO MENDES RÉGUA BARCELOS**

Rio de Janeiro

2022

V658a Vieira, Diogo Fernandes Faleiro

Os atuais impactos dos conflitos no Oriente Médio na política e sociedade europeia./ Diogo Fernandes Faleiro Vieira.—2022.
33f.:il.; 30 cm

Orientação: Gustavo Mendes Régua Barcelos
Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2022.

Bibliografia: f 31-33

1. Xenofobia. 2. Imigração. 3. Conflitos. 4. Sociedade. 5. Impactos.. I. Título.

CDD 325.1

Maj Inf **DIOGO FERNANDES FALEIRO VIEIRA**

Os atuais impactos dos conflitos no Oriente Médio na política e sociedade europeia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Aprovado em 14 de outubro de 2022.

COMISSÃO AVALIADORA

GUSTAVO MENDES RÉGUA BARCELOS - Maj Inf - Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

EDUARDO JORGE JERONYMO - Maj Inf - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

RODRIGO MENDES RÉGUA BARCELOS - Maj Inf - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o Senhor dos Exércitos, pelo dom da vida, pela tranquilidade nos momentos difíceis e pela saúde que tem me permitido seguir estudando e aprendendo a cada dia que passa.

Agradeço à minha família, pela paciência e compreensão pelo tempo dedicado a este trabalho, como sempre fez ao longo de nossas vidas.

Agradeço a meu orientador pelo seu apoio, orientação e ideias. Fizeram desta uma experiência inspiradora para mim.

Por fim, agradeço aos meus colegas de curso e amigos pelas discussões estimulantes, pelas noites de trabalho e pela camaradagem despendida.

“O Exército se beneficia muito mais com o estudo das suas falhas do que com o das suas vitórias” (Maj Gen EUA Verne L. Bowers -1972

RESUMO

Atualmente, a sociedade europeia tem sofrido alterações diante do ocorrido no cenário conflituoso do Oriente Médio (OM). Após a Primavera Árabe, o fluxo de deslocados para países da Europa aumentou de forma assustadora e trouxe impactos à vida social e política dos europeus. Ainda neste sentido, os países ao sul do velho continente foram as principais portas de entrada para os imigrantes e refugiados que buscavam melhores condições de vida ou fugiam das mazelas das guerras existentes. Dentre elas, este trabalho destaca a Guerra Síria como principal fator deste fluxo migratório para a Europa, mas relembrando conflitos que ainda existem no OM, como a Guerra do Iêmen. Ainda, um outro fator relevante neste trabalho, é o crescimento da xenofobia que avança no velho continente, proporcionalmente à chegada dos imigrantes. Assim, a pretensão deste estudo é contribuir para uma análise geopolítica da Europa, tendo em vista a atual importância estratégica deste continente num mundo cada vez mais globalizado.

Palavras-chave: Xenofobia. Imigração. Conflitos. Sociedade. Impactos.

ABSTRACT

Currently, European society has undergone changes in the face of what happened in the conflict scenario in the Middle East. After the Arab Spring, the flow of displaced people to European countries increased in a frightening way and had an impact on the social and political life of Europeans. Also, the countries in the south of the old continent were the main gateways for migrants and refugees who were looking for better living conditions or fleeing the ills of existing wars. Among them, this work highlights the Syrian War as the main factor of this migratory flow to Europe, but remembering conflicts that still exist in the OM, such as the Yemen War. Moreover, another relevant factor in this work is the growth of xenophobia that advances in the old continent proportionally to the arrival of immigrants. So, the aim of this study is to contribute to a geopolitical analysis of Europe, in view of the current strategic importance of this continent in an increasingly globalized world.

Keywords: Xenophobia. Immigration. Conflicts. Society. Impacts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Crise migratória – Principais rotas	20
Figura 2 - Mortes de migrantes no Mediterrâneo.....	20

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	METODOLOGIA	13
3	A PRIMAVERA ÁRABE	14
3.1	OS PRINCIPAIS CONFLITOS QUE OCORREM ATUALMENTE NO ORIENTE MÉDIO.....	15
3.2	A GUERRA DA SÍRIA	16
3.3	CONCLUSÕES PARCIAIS.....	17
4	OS DESLOCAMENTOS POPULACIONAIS DO OM PARA O CONTINENTE EUROPEU	18
4.1	AS PRINCIPAIS REGIÕES E ROTAS DE MIGRAÇÃO DO OM PARA A EUROPA	18
4.2	O IMPACTO PARA OS PAÍSES CLASSIFICADOS COMO PIIGS.....	20
4.3	CONCLUSÕES PARCIAIS.....	22
5	AS CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS E SOCIAIS DA MIGRAÇÃO PARA A SOCIEDADE EUROPEIA	23
5.1	O ATUAL CENÁRIO NA EUROPA.....	23
5.2	A XENOFOBIA RESULTANTE DOS DESLOCAMENTOS POPULACIONAIS	25
5.3	CONCLUSÕES PARCIAIS.....	26
6	CONCLUSÃO	27
	REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de um estudo sobre os atuais impactos dos conflitos no Oriente Médio na política e na sociedade europeia.

A Europa do século XXI teve sua história alterada após os acontecimentos do 11 de setembro de 2001 e potencializada após o advento da Primavera Árabe. A Guerra ao terror, desencadeada pelos norte-americanos, gerou reflexos no Oriente Médio, o qual teve sua instabilidade agravada diante dos acontecimentos políticos e sociais da Primavera Árabe.

Segundo Souza, [S.d.], as intervenções americanas no Afeganistão e no Iraque, respectivamente em 2001 e 2003, alteraram o equilíbrio de poder no Médio Oriente e o Norte de África. Elas, apesar de recentrarem a dimensão social no contexto árabe, quebram precários equilíbrios políticos então existentes, dilataram e tornaram mais pungentes algumas ameaças já sentidas ou implícitas, geraram resistências árabes e atraíram ou produziram grupos terroristas à região, emanantes de combatentes para diversos continentes, dispostos a lutar e morrer, por ideais religiosos incompreensíveis para o cidadão comum ocidental.

Este cenário favoreceu a intranquilidade do território da União Europeia, que começou a apresentar sinais de que não está conseguindo mais suportar o grande número de habitantes. Como exemplo, existe o surgimento de um vasto cinturão de desemprego na região do Mediterrâneo, principalmente nos países integrantes do chamado PIIGS – Portugal, Itália, Grécia e Espanha. Esses crescentes problemas se refletem não só em políticas públicas mais rígidas para a entrada dos refugiados no território europeu, mas também na opinião da população em relação aos imigrantes (RÜCKERT, 2015).

O Oriente Médio (OM) é uma região da Eurásia, marcada, historicamente, por crises e conflitos que geram grandes instabilidades na atualidade. Fatores como divergências religiosas, disputas por água e petróleo e interesses políticos acirraram as guerras por vários anos.

Em uma análise histórica, as guerras entre árabes e judeus intensificaram o desequilíbrio regional. Com a criação do Estado de Israel, no ano de 1948, os palestinos perderam mais da metade de seus territórios. Um

dos principais focos de disputas entre os dois grupos é a região denominada de Faixa de Gaza.

Outros fatores importantes para caracterizar esta instabilidade no OM, foram as consequências do pós 2ª Guerra Mundial (GM). Além da criação do Estado de Israel, que contribuiu para que muitos árabes e muçulmanos passassem a ver os judeus como invasores, a polarização entre capitalismo e socialismo gerou influências no OM, resultando na Guerra Irã x Iraque, na 1ª Guerra do Afeganistão, no surgimento do terrorismo religioso islâmico e num agravamento de antagonismos entre sunitas e xiitas.

Os sunitas e os xiitas são dois grupos de muçulmanos que possuem divergências políticas. Os sunitas são cerca de 90% dos muçulmanos e acreditam que o califa (chefe de Estado e sucessor de Maomé) deveria ser eleito pelos próprios muçulmanos. Já os xiitas, creem que o profeta e sucessor legítimo deveria ser Ali, genro de Maomé (BBC, 2020).

Analisando, ainda, o século XX, conflitos como a Guerras de Suez, Guerra dos Seis Dias e a Guerra de Yom Kippur contribuíram para o agravamento da crise política e religiosa que marcava a região.

Com o fortalecimento do capitalismo mundial e o desenvolvimento do globalismo no final do século XX, a população do OM deu um passo importante contra os regimes ditatoriais. Uma revolução conhecida como Primavera Árabe consistiu em revoltas e protestos populares, a partir de 2010, a qual teve origem no descontentamento da população em relação às altas taxas de desemprego, falta de qualidade de vida, corrupção, além da citada existência de governos autoritários.

A Primavera Árabe promoveu a disputa e a ascensão de novas lideranças no OM, além de acirrar os ânimos entre sunitas e xiitas. Merecem destaque neste contexto as Guerras da Síria e a Guerra no Iêmen.

A propagação destas guerras, cada vez mais destrutivas pela evolução dos armamentos bélicos, resultou em milhões de refugiados. Estes, pela proximidade e oportunidade que a Europa apresentava, migraram para o velho continente na busca de uma melhor qualidade de vida, usando, na maioria das vezes, rotas ilegais.

A Europa, marcada pela presença de países muito desenvolvidos, era a esperança de oportunidades para sírios e afegãos, por exemplo. O velho

continente tornou-se a terra de perspectiva de empregos e moradias para os refugiados do OM.

Com isto, surgiram os traficantes de pessoas. Estes cobravam milhares de dólares para realizar a migração de refugiados por rotas ilegais através da Turquia, mar mediterrâneo e norte da África (G1, 2015).

O agravamento desta situação criou mudanças no cenário político e social em países europeus e na União Europeia (UE). Esta última, refere-se ao maior bloco econômico do mundo, conhecido pela livre circulação de bens, pessoas e mercadorias e pela adoção de uma moeda única, o Euro.

Uma característica importante neste contexto, presente no continente europeu, foi a adoção do espaço Schengen, uma área de livre circulação de pessoas, criada em 1985. No total, 26 (vinte e seis) países aderiram a este pacto.

Este fato terá importante valia na análise deste estudo, considerando as implicações na vida política e social nos países do velho continente.

Neste sentido, é necessário destacar os PIIGS (Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha), um conjunto de 5 países que possuem uma economia mais fragilizada, tendo em vista que tiveram uma maior demora na recuperação econômica da crise de 2008 (MAGNUS; BLIKSTAD; DE OLIVEIRA, [s.d.]). Entre estes países, ressalta-se a Espanha, a Grécia e a Itália por suas posições ao sul do subcontinente, sendo banhados pelo mar mediterrâneo, principal rota de migração dos refugiados.

Estas nações recebem a maior parte dos imigrantes e, aliada as suas situações econômicas instáveis, tornam-se uma grande preocupação para os demais países da UE, pois fazem parte da zona do euro.

Reflexo de toda esta preocupação e instabilidade na UE, ocorreu em 2020 o *Brexit*. Este termo é uma abreviação para "*British exit*" (saída britânica), usado quando se trata sobre a decisão do Reino Unido de deixar a UE. Como consequência, o *Brexit* contribuiu para acirrar as preocupações políticas e sociais entre as nações do velho continente.

Portanto, é necessário analisar quais serão as mudanças no cenário político europeu diante deste crescimento populacional e do avanço da xenofobia no continente, sendo este o problema levantado para o presente trabalho.

Neste contexto, os objetivos específicos deste estudo são: apresentar a Primavera Árabe e seus reflexos; entender os deslocamentos populacionais do OM para o continente europeu, abordando as principais rotas de migração; e descrever o atual cenário europeu diante deste impacto migratório.

Como objetivo geral, este trabalho apresentará informações e reflexos acerca dos deslocamentos populacionais para a Europa, oriundos dos conflitos ocorridos no Oriente Médio, na atualidade. Segundo Oliveira e Colab (2017), a emergência de novos movimentos de refugiados, ao longo do tempo, levou a que fossem desenvolvidos instrumentos legais de escala regional ou multilateral. E, tal como acontece no contexto mais amplo das migrações, a maior parcela do enquadramento legal e institucional para refugiados acontece ao nível de cada Estado nacional europeu. Esta ação reflete a tensão entre as normas e estratégias internacionais e as nacionais. Vários Estados-membros da União Europeia têm, desde a década de 1990, mecanismos específicos de proteção temporária e subsidiária para responder à proteção de pessoas em movimentos em larga escala.

Sobre as delimitações do estudo, o mesmo estará limitado às resultantes dos conflitos do Oriente Médio, que impactaram no continente europeu a partir do século XXI, até os dias atuais. Além disso, o estudo explorará as rotas de migração que passam pelo Mar Mediterrâneo, com o intuito de analisar, também, os principais países que recebem imigrantes e refugiados do OM.

Segundo Costa Junior (2016), nas duas últimas décadas, as migrações tem se refletido, sobretudo, na arena dos fatores econômicos. O fluxo majoritário de pessoas de países em desenvolvimento ou de menor desenvolvimento relativo para os países desenvolvidos tem gerado conflitos na esfera trabalhista e ressoado no plano político.

Neste sentido, a pretensão do estudo é contribuir para a análise geopolítica da Europa, tendo em vista a atual importância estratégica deste continente num mundo cada vez mais globalizado. Neste sentido, o avanço das relações do Brasil com a União Europeia (UE), Europa e países do OM, pode sofrer reflexos diante da instabilidade causada pelos conflitos e migrações que serão estudados.

2 METODOLOGIA

A metodologia a ser seguida para a realização do trabalho será a qualitativa. O estudo será realizado, principalmente, por meio de uma pesquisa bibliográfica, pois baseará sua fundamentação teórico-metodológica na investigação sobre os assuntos relacionados a situação da crescente migração para o continente europeu, diante dos conflitos no OM, presentes em livros, manuais e artigos de acesso livre ao público em geral, incluindo-se nesses aqueles disponibilizados pela rede mundial de computadores.

Ainda, trata-se de uma pesquisa explicativa, na medida em que busca justificar os motivos da migração e ao mesmo tempo citar os principais fatores que contribuem para a evolução deste cenário migratório na Europa.

O universo do presente estudo são os imigrantes e refugiados oriundos dos conflitos no OM, bem como a sociedade europeia, esta, influenciada pelo atual movimento migratório.

Por sua vez, a amostra selecionada englobará os Grupos de refugiados resultantes das guerras ocorridas no OM no século XXI.

A amostra caracteriza-se, portanto, por ser não probabilística intencional e por conveniência, visto que foi selecionada por sua adequabilidade e disponibilidade de acesso.

A coleta de dados do presente trabalho de conclusão de curso dar-se-á por meio da coleta na literatura, realizando-se uma pesquisa bibliográfica na literatura disponível, tais como livros, artigos, revistas especializadas, jornais, internet, monografias, teses e dissertações, sempre buscando os dados pertinentes ao assunto. Nessa oportunidade, serão levantadas as fundamentações teóricas.

O método de tratamento de dados que será utilizado no presente estudo será a análise de conteúdo, no qual serão realizados estudos de textos para se obter a fundamentação teórica.

A metodologia em questão possui limitações, particularmente, quanto à profundidade do estudo a ser realizado, pois não contempla, dentre outros aspectos, o estudo de campo e a entrevista com pessoas diretamente ligadas aos processos em estudo. Porém, devido ao fato de se tratar de um trabalho de término de curso, a ser realizado em aproximadamente seis meses, o

método escolhido é adequado e possibilitará o alcance dos objetivos propostos no presente Trabalho de Conclusão de Curso.

3. A PRIMAVERA ÁRABE

A Primavera Árabe teve início em dezembro de 2010 na Tunísia, após a derrubada de seu ditador. Após isso, a onda de protestos se arrastou para outros países no OM e na África. No total, entre países que passaram e que ainda estão passando por suas revoluções, além da Tunísia, temos a Líbia, Egito, Argélia, Iêmen, Marrocos, Bahrein, Síria, Jordânia e Omã.

Segundo Wiebusch, [s.d.], a Primavera Árabe é um fenômeno que ficou conhecido mundialmente pelas manifestações e reivindicações pró-democracia que ocorreram nos países do Oriente Médio e Norte da África a partir de 2010.

Este fato gerou mudanças estruturais no sistema regional e criou oportunidades para o desequilíbrio das forças atuantes no Oriente Médio e seu entorno.

Segundo Abu-El-Haj (2014), a queda de um regime refletiu imediatamente em todo o Oriente Médio, formando uma cadeia continuada de eventos, unidade das agendas políticas e sentimento de um destino comum. Sexto, as guerras civis e a instabilidade política causaram significativos movimentos demográficos entre os estados. Os deslocamentos populacionais de refugiados, fugitivos de guerras e migrantes atingiram todas as camadas sociais: trabalhadores, camponeses, profissionais liberais, intelectuais e políticos. Sétimo, o colapso do antigo regime produziu um vácuo no poder e uma luta aberta e imprevista entre diversas forças políticas, dificultando-se a interferência das grandes potências, com maior geração de autonomia política.

A Primavera Árabe ainda produziu uma convergência não hegemônica no Oriente Médio movida por três tendências: 1. ascensão das forças políticas seculares à liderança regional, com um discurso e agenda nacionalista mais preocupados com a resolução de problemas internos do que com a exportação de ideologias e projetos políticos nos moldes do Islã político; 2. uma autonomização econômica liderada pelo capital regional, alimentado por

uma explosão da demanda interna; e 3. expansão do papel do capital regional no desenvolvimento interno, que ocorreu paralelamente ao recuo e desinvestimento do capital internacional no Oriente Médio (ABU-EL-HAJ, 2014).

3.1 OS PRINCIPAIS CONFLITOS QUE OCORREM ATUALMENTE NO ORIENTE MÉDIO

Grande parte dos governos nos países da Primavera Árabe eram regimes ditatoriais e a riqueza ficava concentrados nas mãos de um só grupo. Diante da crise econômica e da instabilidade causada, a população local precisava apenas de uma motivação para deflagrar uma rebelião.

O estopim para a crise foi o suicídio de Mohammed Bouazizi. Este jovem ateou fogo no próprio corpo após ter seus produtos no comércio de frutas confiscados pela polícia local.

Como resultado, uma enorme instabilidade atingiu o Oriente Médio e o Norte da África, colocando a população e seus ideais em confronto com os regimes autoritários.

Com o objetivo de aprofundar melhor este estudo, este capítulo realizará o enfoque nas Guerras da Síria e a do Iêmen. Estes grandes conflitos são atuais e ainda influenciam no movimento migratório para a Europa.

De acordo com Joffé, [s.d.], as tensões e a contestação acumuladas que não se resolveram e que, em vez disso, foram artificialmente reprimidas na tentativa de assegurar a estabilidade, entraram em erupção de formas imprevisíveis.

O cenário instável resultou na derrubada do chefe de Estado egípcio e refletiu em outros países do Oriente Médio, levando a alterações na vida política regional. Países como o Jordânia, Iraque, Israel e Omã sofreram com as pressões da Primavera Árabe, gerando demissões e desistência de reeleições de ministros de Estado.

Isto levou ao aumento da insatisfação político-social no Oriente médio como um todo, com repressão política das ditaduras, uma crise econômica e desemprego, causando o surgimento de novos conflitos, como a Guerra da

Síria e a do Iêmen. Como resultado, o fluxo migratório de refugiados cresceu a partir de 2011, gerando um intenso fluxo em direção ao continente europeu.

3.2 A GUERRA DA SÍRIA

Segundo Wiebusch, [S.d.], a Síria possui um sistema de governo de República Presidencialista, que passa por uma ditadura militar desde 1970, cujo atual presidente é Bashar al-Assad, que assumiu o poder após a morte do seu pai, em 2000, depois deste governar o país por 30 (trinta) anos.

Em março de 2011, o governo sírio, temendo que a Primavera Árabe ganhasse força no país, autorizou as forças armadas a abrirem fogo contra manifestantes que reivindicavam a soltura de quatorze jovens que haviam sido presos por terem escrito em muros da cidade de Deera, sul do país, slogans utilizados nos levantes do Egito e Tunísia: “o povo quer a queda do regime”. As manifestações então se espalharam pelo país, acirrando o embate entre manifestantes e as forças armadas do governo. A escalada foi inevitável e a violência aumentou rapidamente, o que levou o país a entrar em guerra civil (FETT, 2013).

Diversos grupos rebeldes surgiram e o conflito resultou em bem mais do que uma guerra entre sírios contra e a favor de Assad. Grandes potências internacionais envolveram-se na guerra, enviando dinheiro, armamento e soldados.

Com o avançar da guerra, organizações jihadistas extremistas proclamavam seus interesses, como o grupo Estado Islâmico (EI) e a Al-Qaeda. Esta situação inflacionou a guerra, gerando preocupação à comunidade internacional.

Além de potências estrangeiras, países árabes como Catar e Arábia Saudita, alinhados aos EUA, também participam do conflito, enviando armas e apoio logístico aos rebeldes. Por outro lado, Irã e Rússia visam a manutenção de Assad no poder do país sírio. Estes aspectos favorecem ainda mais o caos social e econômico gerado aos povos locais do OM.

Ainda, a construção do Califado provoca a expropriação das comunidades originais de seus territórios, frente à avassaladora força militar

que o grupo hoje possui e sua capacidade de domínio e sofisticada ocupação territorial sobre as áreas por onde se situa. Em cidades sírias e iraquianas, o governo de Al-Baghdadi, morto em 2019 durante uma Operação Norte-americana, forçou os deslocamentos daqueles que não desejam viver sob o jugo do fundamentalismo religioso e da violência, buscando assim condições de vida estáveis no estrangeiro, frente à inaptidão dos Estados maternos de oferecer a segurança básica no que tange ao combate efetivo e decisivo contra as forças insurgentes (FELIPE; FELÍCIO, [s.d.]).

A Guerra na Síria já é considerada pela ONU a maior tragédia humanitária em décadas. Segundo a VEJA (2022), já são pelo menos 350.000 (trezentos e cinquenta mil) mortos na guerra, sendo 306.887 (trezentos e seis mil, oitocentos e oitenta e sete) mortes de civis. Isto representa 1,5% da população total e gera sérias preocupações sobre o fracasso das partes em conflito em respeitar as normas do direito internacional humanitário sobre a proteção de civis.

3.3 CONCLUSÕES PARCIAIS

Após ser iniciada na Tunísia, com pessoas reprimidas lutando pelos seus direitos e se manifestando contra os governos, a Primavera Árabe acabou afetando diversos países no Oriente Médio e na África. Todos os movimentos foram vistos pelos regimes de governo autoritário como mais uma manifestação, porém o que se observou ao longo dos anos foi a força e o poder da união das pessoas lutando por um mesmo propósito. Diversos interesses em jogo, governos sendo depostos e que sofreram mudanças, alguns países lutando para que possam se recuperar social, econômica e socialmente. Países como a Síria viram sua população reduzir drasticamente, cuja população ainda busca fugir da guerra civil instaurada no país que já se estende por onze anos e que têm afetado países no mundo inteiro (WIEBUSCH, [s.d.]).

Como consequência dos conflitos regionais, principalmente a Guerra da Síria, ocorreu um intenso fluxo migratório em direção à Europa. O deslocamento populacional resultante desta guerra impactou a política e a sociedade europeias, aspectos que serão abordados nos próximos capítulos.

4. OS DESLOCAMENTOS POPULACIONAIS DO OM PARA O CONTINENTE EUROPEU

Ainda em 2011, a Primavera transformou o equilíbrio regional no Mediterrâneo, fazendo com que o caos gerado pelas manifestações provocasse o êxodo em massa de pessoas do Oriente Médio e do Norte da África na busca de uma vida segura. Isto impulsionou de forma vertiginosa os fluxos migratórios ilegais na direção da Europa.

Segundo Wiebusch, [S.d.], a crise migratória passou a ser centralizada na União Europeia, após o continente receber grandes fluxos de refugiados e migrantes a partir de 2014, entre sua maioria sírios, iraquianos e afegãos que faziam a travessia através do Mar Mediterrâneo ou percorrendo as rotas do Leste Europeu.

No ano de 2015, os países que receberam mais requerentes de asilo foram somente cinco dos 28 (vinte e oito) Estados-Membros da UE. Em 2015, 75% dos pedidos de asilo foram registrados em apenas cinco Estados - Membros (Alemanha, Hungria, Suécia, Áustria e Itália) (UE, 2016). Isto significa que, apesar da política europeia comum, poucos Estados membros têm participado de forma proativa no acolhimento dos refugiados e na procura de uma integração nas respectivas comunidades.

4.1 AS PRINCIPAIS REGIÕES E ROTAS DE MIGRAÇÃO DO OM PARA A EUROPA

A Agência europeia para o controle da cooperação operacional das fronteiras exteriores dos Estados-membros da União Europeia (FRONTEX), estabelecida pela Regulação do Conselho 2007/2004, e, o Público afirmam que a Rota entre as costas turca e grega, e, na Primavera de 2004 o número de pessoas que atravessam diariamente o Egeu cresceu, e, os números comprovam-no: nos primeiros nove meses de 2015 efetuaram a travessia marítima até à Europa 464.000 migrantes e, ao longo do ano, chegaram à Europa por mar 856.723. Os migrantes, em 2015, viajaram desde a Síria (56%), Afeganistão (24%) e Paquistão (11%). À Grécia, nos primeiros quatro meses e meio de 2016, chegaram 155.989 pessoas. Desde Janeiro de 2016, entraram 155.000 migrantes na Grécia. Entre Janeiro e Abril, atravessaram esta Rota 57.019 imigrantes ilegais.

Daqueles migrantes, 76.741 eram sírios, 39.285 afegãos e 24.907 iraquianos. De todos estes, 376 não sobreviveram quando da travessia das águas do Mar Egeu, afogando-se devido às embarcações ou às carências alimentares (MIGUEL; GARCIA, 2017).

Segundo a BBC (2015), a maior parte dos migrantes chegam pela costa da Grécia e da Itália gerando problemas nunca antes vistos por esses países, tamanha a quantidade de pessoas chegando em condições precárias. Essas condições são preocupantes, pois aumentaram consideravelmente o risco dessa travessia. Pequenos barcos, superlotados, fazendo uma travessia perigosa e irregular, que coloca em risco a vida de milhares de pessoas. Essa jornada desesperada, irregular e sem segurança, tem aumentado consideravelmente o número de mortos.

Quanto à rota do Mediterrâneo Central, que abrange as rotas da Apúlia e Calábria, localiza-se entre o norte de África e Itália. Em 2015, a Itália registou uma intensa pressão migratória com 153.946 migrantes a utilizar esta rota. Em 2016, 101.494 de migrantes chegaram até agosto. Do início de 2015 a meados do mesmo ano, utilizaram a rota do Mediterrâneo Central nigerianos (12%), eritreus (26%) e da África Subsaariana (11%) Em 2016, entre janeiro e abril, chegaram à Itália 27.147 migrantes ilegais. As três principais nacionalidades representadas são: a Nigéria com 4.204, a Gâmbia com 2.903 e a Costa do Marfim com 2.296 (MIGUEL; GARCIA, 2017).

A rota do Mediterrâneo Ocidental, entre Marrocos e a Andaluzia, tem sido opção para muitos migrantes desde 2005, e, em 2015, 7.164 migrantes utilizaram-na. 28% de guineenses, 15% argelinos e 12% marroquinos. Do início a meados de 2015, 6.698 atravessaram esta Rota e, em todo aquele ano, 5.445 migrantes utilizaram a rota do Mediterrâneo Ocidental. No ano de 2016, registaram-se 62 mortes e/ou desaparecimentos nesta zona do Mediterrâneo (MIGUEL; GARCIA, 2017).

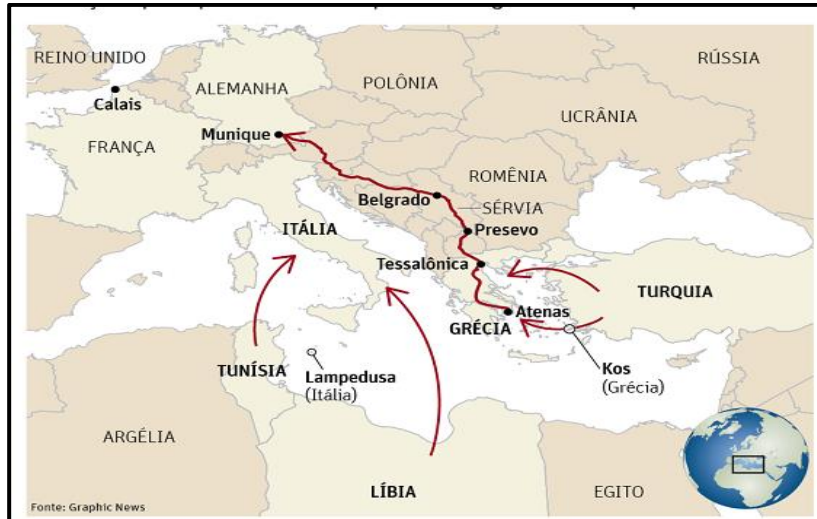


Figura 1 – Crise migratória. Principais rotas para a Europa

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br>

Muito se deve ao fato já citado das embarcações superlotadas, carregando muito mais pessoas do que a capacidade permitia. Em abril de 2015, um barco naufragou carregando mais de 800 imigrantes (BBC, 2015).

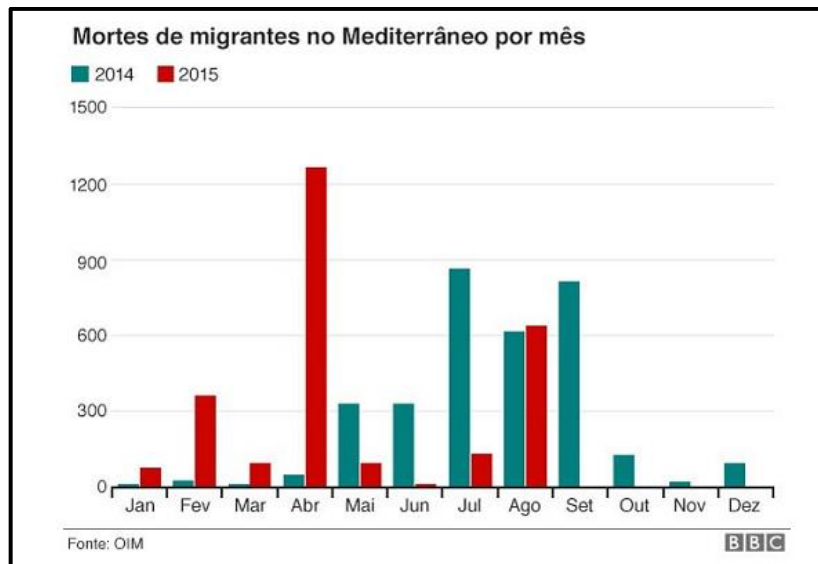


Figura 2 – Mortes de migrantes por mês (2014_2015)

Fonte: <https://g1.globo.com/mundo/noticia>

4.2 O IMPACTO PARA OS PAÍSES CLASSIFICADOS COMO PIIGS

O termo PIIGS foi dado ao conjunto de cinco países europeus que tiveram grande impacto econômico na Europa desde a crise de 2008.

Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha, provocaram temor em investidores quanto à capacidade desses governos de conter o alto déficit fiscal e honrar suas dívidas (UOL, 2021).

A instabilidade financeira na zona do euro deflagrada a partir de setembro de 2008, com a eclosão da crise nos Estados Unidos, assim como a crise dos títulos soberanos dos PIIGS, com mais ênfase a partir de 2010, revelaram a capacidade disruptiva da articulação entre finanças liberalizadas e desregulamentadas, de um lado, e a rígida institucionalidade do euro, de outro (MAGNUS e COLAB, [S.d.]).

Com relação ao fluxo migratório oriundo do Oriente Médio, a Itália e a Grécia, dentro do contexto dos PIIGS, são os países que mais sofrem com a chegada de refugiados. Devido a suas posições lindeiras ao Mar Mediterrâneo, estes países são a porta de entrada da Europa para os migrantes que fogem dos conflitos no Oriente Médio.

Segundo o relatório de 2018, a jornada até a Itália se mostrou cada vez mais perigosa, pois, visto a taxa de mortalidade entre os que saem da Líbia rumo ao continente europeu via marítima aumentou: uma a cada 14 pessoas nos primeiros três meses de 2018, em comparação com uma a cada 29 pessoas no mesmo período de 2017 (ACNUR, 2018).

A ausência de uma política comum de asilo tem repercussões no Sistema de Schengen, aplicado aos Estados Membros signatários do respetivo acordo, e entendido como um ponto determinante do processo de integração europeia (SOFIA; ARIAS, [S.d.]).

Os Estados Membros da União Europeia (UE) possuem acordos comuns sobre o tema da migração e refúgio desde a institucionalização do bloco em 1992 com o Tratado de Maastricht. O Sistema Europeu Comum de Asilo possui como base as disposições da Convenção de Dublin (1990) que estabelecem os critérios e mecanismos de determinação do Estado Membro responsável pela análise de um pedido de proteção internacional apresentado por um nacional de um país terceiro ou por um apátrida no território de qualquer Estado Membro da UE (KIRCHOF; SANTOS, [S.d.]).

Todos estes aspectos influenciam na instabilidade do continente europeu, que começando por países integrantes dos PIIGS, vê suas economias ruírem num cenário de incerteza.

4.3 CONCLUSÕES PARCIAIS

Em síntese, verificou-se que o crescente fluxo migratório foi causado, principalmente, por motivos de sobrevivência de milhões de pessoas, pois foram ameaçadas por seus governos e viram como alternativa fugir para qualquer outro país que não fosse o seu, com destaque para os reflexos da Guerra na Síria.

Por isso, o principal motivo pelo qual a Europa recebeu o maior número de imigrantes e refugiados foi por ser vista como um local onde existe emprego e o mínimo de condições de sobrevivência. A maioria dos países conseguiu lidar com a entrada de milhares de pessoas, muitos deles receberam asilo e passaram a viver nas cidades onde entraram primeiramente. Porém, com a intensificação dos conflitos e o número crescente de pessoas arriscando suas vidas em direção a União Europeia, alguns países membros alegaram não ter condições de sustentar esta onda de pessoas e sofreram economicamente com isto, gerando impactos maiores nas economias mais abaladas, como visto nos PIIGS (WIEBUSCH, [S.d.]).

Sobre as rotas para o continente europeu, a rota do Mediterrâneo Central é considerada a mais mortífera e os números comprovam: morreram 2.889 pessoas e mais de 700 afogaram-se no Mar Egeu. Até 19 de Maio de 2016, chegaram 33.907 migrantes à Itália. Nesta rota, os diversos pontos de maior afluxo de pessoas surgiram em abril, junho, julho e agosto de 2016. Um total de 3.178 migrantes perderam a vida em 2016 (VEJA, 2022).

Em 2017, assim como nos anos anteriores, a Síria continuou sendo o país com o maior número de pessoas deslocadas à força, com 12,6 milhões de deslocados até o final do ano. Esse montante compreende 6,3 milhões de refugiados, 146.700 requerentes de asilo e 6,2 milhões de deslocados internos (WIEBUSCH, [S.d.]).

5. AS CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS E SOCIAIS DA MIGRAÇÃO PARA A SOCIEDADE EUROPEIA

De acordo com a Organização Internacional para Migrações (OIM), com dados atualizados em 16 de setembro de 2015, a rota marítima no Mediterrâneo já soma 473.887 migrantes, dos quais 349.109 chegaram à Grécia (74% do contingente migratório) e 121.859 na Itália (26%). No destino grego, cerca de 175.375 sírios são a maioria do montante (OIM, 2015).

Visto esta intensidade atingida pela crise dos refugiados na Europa, com perdas de milhares de vidas no Mar Mediterrâneo, tem-se comparado aos eventos vividos no continente europeu durante e imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, quando se estima que tenha havido cerca de 60 milhões de deslocados (RICHMOND, 1988).

Estes aspectos refletem diretamente no equilíbrio social e político dos países europeus, principalmente diante do ressurgimento de um sentimento nacionalista no velho continente. Ganham maior ascensão, neste sentido, os partidos de extrema direita.

5.1 O ATUAL CENÁRIO NA EUROPA

O cenário político-social na Europa sofreu alterações desde o início da Primavera Árabe, agravado pela intensidade e continuidade da Guerra na Síria. Estes fatos estão diretamente relacionados ao atual fluxo migratório que converge em direção ao velho continente.

O Estatuto dos Refugiados desenvolveu o instituto do refúgio, que atribui aos Estados a obrigação de zelar pela proteção dos direitos fundamentais dos indivíduos. Mesmo considerando a soberania de cada Estado, a Convenção de 1951 atribui à responsabilidade do princípio do *non refoulement* (não devolução), ou seja, proíbe os Estados contratantes de enviarem de volta o refugiado para seu país de origem, onde esse tenha sofrido violações de direitos por meio de perseguição por motivos étnicos, raciais ou políticos e que poderia ser posto em risco novamente. (ACNUR - CONVENÇÃO RELATIVA AO ESTATUTO DOS REFUGIADOS, 1951).

Os países receptores de refugiados, em geral, possuem uma visão pautada na ideia de viés sedentário enxergando a migração em geral, sobretudo a dos refugiados, como algo negativo. Os pobres que buscam asilo não devem sair de seus respectivos países, continuando uma mentalidade colonial. A visão predominante, que é claramente errada, é a que toma os refugiados como um problema a ser resolvido através de políticas de curto prazo, de forma a romper ou ao menos conter o fluxo de desabrigados rumo à Europa (FELIPE; FELÍCIO, [S.d.]).

Tal percepção favoreceu o ressurgimento nacionalista dos partidos de direita, onde estes são, majoritariamente, semelhantes em seus posicionamentos socioculturais, havendo algumas variações em suas ideologias econômicas. Seus projetos políticos rejeitam a igualdade individual e social, opõe-se à integração social de grupos marginalizados e apelam consideravelmente a ideias de cunho xenófobo e racista (LEONI, [S.d.]).

Somado a isso, o *Brexit*, que foi a saída do Reino Unido da União Europeia em 2020, contribuiu para desestabilizar ainda mais o ambiente político e social na Europa, favorecendo o desenvolvimento do nacionalismo “moderno” e agravando o grau de incerteza econômica.

Neste sentido, segundo SMITH (2003), é crucial entender a distinção entre Estado e nação, e entre patriotismo e nacionalismo, que o levou a criar um termo para o sentido original e primitivo do nacionalismo, ou seja, o nacionalismo étnico. O uso deste termo atravessa a moderna dicotomia contemporânea do nacionalismo “cívico” e “étnico”. Afirma, ainda, que havia apenas um tipo de nacionalismo, o nacionalismo étnico; e este teria reanimado os grupos étnicos minoritários da Europa Ocidental e do Canadá, e mais tarde na ex-União Soviética. Considera o nacionalismo chamado cívico como, realmente, apenas patriotismo. Trata-se de um tipo de lealdade racional, podendo assim ser explicado, ao contrário do nacionalismo étnico.

Conforme Maia (2015), quando um Estado enfatiza consentimento, vontade e ideologia política acima de raça e ancestralidade como as características definidoras para a aceitação dentro da sua comunidade política, ele está privilegiando um entendimento cívico de nação ao invés de um entendimento étnico de nação. Isso indica, na prática, o grau de abertura do acesso à nação, uma vez que é mais fácil tornar-se membro de uma nação

cívica. Um indivíduo sempre pode estar disposto a participar de um Estado respeitando e participando de suas instituições políticas. É impossível, no entanto, adquirir uma raça ou ancestralidade diferente para satisfazer exigências mais específicas de cidadania.

Com o aumento do número de refugiados na população europeia, as mazelas sociais tiveram crescimento nos últimos anos, tendo em vista a redução de oportunidades de trabalho e, com isso, os reflexos do desemprego e da população de rua.

Olhando por outro aspecto, a discriminação junto aos estrangeiros trás maior preocupação com a segurança nacional no continente europeu. O avanço do terrorismo na Europa criou um cenário de medo e confusão social, refletindo, também, na atual xenofobia e no crescente nacionalismo.

Com isso, a situação atual do continente europeu torna-se incerta. A guerra na Síria e dos demais conflitos atuais do Oriente Médio tendem a manter a taxa de migração para a Europa em elevados níveis e isso manterá em alta os graus de preocupação e indecisões políticas-sociais.

5.2 A XENOFOBIA RESULTANTE DOS DESLOCAMENTOS POPULACIONAIS

O termo xenofobia tem origem nas palavras gregas *xenos*, que significa “estrangeiros”, e *fobos*, que significa “fobia”. Tal sufixo demonstra que a palavra possui um sentido psicopatológico, uma vez que a fobia é uma relação desproporcional e inconsciente a um perigo muitas vezes imaginado, e que pode levar a comportamentos ilógicos e incontroláveis – não devendo, assim, ser confundida com o “medo”, associado a perigos reais. No cotidiano, a xenofobia é muito associada ao racismo, e a definição clara das facetas divergentes dos dois termos é complexa (BOLAFFI et al, 2003).

Os imigrantes têm sido objeto deste temor desde tempos imemoriais. A explicação para isto é porque eles trazem consigo línguas e costumes desconhecidos, além de misturar traços culturais e competir, com certa vantagem, no mercado de trabalho. Historicamente, os estrangeiros frequentemente que chegam a outro país, procuram subsistência com intenções hostis, o que contribui, igualmente, para sua percepção enquanto ameaça. Assim, a fobia de estrangeiros está enraizada no

inconsciente não somente de indivíduos, mas de populações inteiras, e é, além disso, consistentemente retratada na arte e na literatura, além de ser transmitida através de crenças populares (LEONI, [S.d.]).

Além disso, a Europa é um continente materno do nacionalismo, conseqüentemente, origem da xenofobia. A crise econômica europeia favorece a promoção de tal discurso contra os atuais deslocamentos populacionais, indo além da ameaça cultural enxergada na figura do refugiado, mas vendo-o também como uma severa ameaça ao sistema social europeu, ao emprego e outros tópicos, em concreta inconsistência. Ainda, verifica-se que estes refugiados são atirados à marginalidade da vida social, tem negados seus direitos básicos e veem-se agregados às cadeias do subemprego. Perante o aumento do desemprego, a extrema-direita denuncia a chegada maciça de mão de obra barata e não sindicalizada das regiões desestabilizadas pelas guerras (FELIPE; FELÍCIO, [S.d.]).

5.3 CONCLUSÕES PARCIAIS

Infere-se que o atual cenário na Europa está diretamente ligado ao avanço das migrações, principalmente de as de origem asiática, e a conseqüente xenofobia que se coloca transversalmente na sociedade europeia. Como resultado, a vida do europeu transformou-se nos últimos anos, desde ofertas de emprego até a sensação de segurança política.

Todavia, as migrações internacionais implicam uma mudança do indivíduo entre duas entidades, ou sistemas políticos diferentes. Nesse sentido pode-se afirmar que as migrações internacionais são um fenômeno inerentemente político e não apenas social, “que advém da organização do mundo num conjunto de Estados soberanos mutuamente exclusivos, comumente chamado de sistema westphaliano” (ZOLBERG, 1999, apud REIS, 2004).

Neste sentido, mais de seis décadas depois, em tempos de ascendente incerteza, a Europa está enfrentando várias ameaças na nova Ordem Mundial, sendo o fluxo migratório um grande fator de desequilíbrio. Mas, ao analisar o conceito de Europa unificada, sabe-se que a obtenção de consenso sobre políticas-chave no ambiente contemporâneo é um trabalho que está em

andamento, afinal, a UE é um agente dinâmico, em constante evolução no ritmo das grandes mudanças geopolíticas do sistema internacional. Assim, apesar dos esforços, para a União Europeia, o momento não poderia ser mais desafiador (QUEIROZ; KRISHNA-HENSEL, 2020).

6. CONCLUSÃO

O presente trabalho teve por objetivo apresentar informações e reflexos acerca dos deslocamentos populacionais para a Europa, oriundos dos conflitos ocorridos no Oriente Médio, com grande enfoque nas consequências da Guerra da Síria e do Iêmen, a qual dura até os dias atuais.

Sobre as delimitações do estudo, o mesmo está limitado às resultantes dos conflitos do Oriente Médio, que impactaram no continente europeu a partir do século XXI. Além disso, o estudo explorou as rotas de migração que passam pelo Mar Mediterrâneo, com o intuito de analisar, também, os principais países que recebem imigrantes e refugiados do OM, para avaliar o impacto político-social na Europa.

Foi possível observar, a partir da metodologia qualitativa, por meio de uma pesquisa bibliográfica, que a atual situação política e social da Europa continental é reflexo do crescimento acelerado no número de imigrantes oriundos do Oriente Médio. O ressurgimento mais intenso do nacionalismo, aliado a xenofobia cada vez mais presente, multiplicaram estes reflexos no velho continente.

Após os eventos do 11 de setembro de 2001, a Primavera Árabe foi o principal fator impulsionador deste cenário atual na Europa. Ela teve início em dezembro de 2010 na Tunísia, após a retirada da força e do autoritarismo do poder. A onda de protestos instalou-se no país, seguindo para outros países no OM.

Um grande número de governos nos países da Primavera Árabe eram regimes ditatoriais e a riqueza ficava concentrada nas mãos de um só grupo. Diante da crise econômica e da instabilidade causada, a população local precisava apenas de uma motivação para deflagrar uma rebelião de grandes proporções. Isto veio a ocorrer, de maneira mais impactante no cenário internacional, na Guerra da Síria.

A Guerra na Síria foi considerada pela ONU a maior tragédia humanitária em décadas. O conflito estende-se até os dias atuais e resulta num dos maiores causadores de instabilidade política da Europa.

Com o avançar da guerra, organizações jihadistas extremistas proclamavam seus interesses, como o grupo Estado Islâmico (EI) e a Al-Qaeda. Esta situação inflacionou a guerra, gerando preocupação à comunidade internacional e atraindo a atenção de grandes potências como os EUA e a Rússia.

Olhando diretamente para as terras do velho continente, as imigrações oriundas dos deslocados dos conflitos do OM, principalmente na Guerra da Síria, observa-se um intenso fluxo migratório em direção à Europa. O deslocamento populacional, resultante deste cenário conflituoso, gerou o aumento do extremismo político, com medidas nacionalistas acerbadas como a construção da cerca de 175 (cento e setenta e cinco) km, com 4 (quatro) metros de altura, ao longo da fronteira da Hungria com a Sérvia e a Croácia.

Sobre os países que mais receberam imigrantes, verificou-se que os mais requerentes de asilo foram somente 05 (cinco) dos 28 (vinte e oito) Estados-Membros da UE. Em 2015, 75% dos pedidos de asilo foram registrados em apenas cinco Estados -Membros (Alemanha, Hungria, Suécia, Áustria e Itália) (UE, 2016).

Desta forma, percebe-se que, apesar da política europeia comum, poucos Estados membros têm participado de forma proativa no acolhimento dos refugiados e na procura de uma integração nas respectivas comunidades.

Com relação às rotas de migração para o continente europeu, este estudo demonstrou que a maior parte dos migrantes chegam pela costa da Grécia e da Itália, gerando problemas nunca antes vistos por esses países, tamanha a quantidade de pessoas chegando em condições precárias. Essas condições são preocupantes, pois aumentaram consideravelmente o risco da travessia. Pequenos barcos, superlotados, fazendo uma aventura perigosa e irregular que colocou em risco a vida de milhares de pessoas. Essa jornada desesperada, irregular e sem segurança, tem aumentado consideravelmente o número de mortos (BBC, 2015).

Neste mesmo sentido, verificou-se que as condições geográficas destas rotas influenciaram diretamente alguns países da porção sul da

Europa, já desgastados economicamente, os PIIGS. Este termo foi dado ao conjunto de cinco países europeus que tiveram grande impacto econômico na Europa desde a crise de 2008. Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha, provocaram temor em investidores quanto à capacidade desses governos de conter o alto déficit fiscal e honrar suas dívidas (UOL, 2021).

Estes países são as nações europeias que mais sofrem com a chegada de refugiados. Devido a suas posições limdeiras ao Mar Mediterrâneo, os mesmos são a porta de entrada da Europa para os migrantes que fogem dos citados conflitos no Oriente Médio. Isto resultou numa enorme crise política, econômica e social no continente, contribuindo para acirrar as tensões dentro da UE.

Após análise direta do fluxo migratório, este trabalho demonstrou que os deslocamentos foram causados por motivos como a fuga de regiões em conflito, evasão de terras em guerra e pelo ideal de sobrevivência de milhões de pessoas, as quais foram ameaçadas por seus governos e viram, como alternativa, fugir para qualquer outro país que não fosse o seu. Assim, compreende-se que o principal motivo pelo qual a Europa recebeu o maior número de imigrantes e refugiados foi por ser vista como um local onde existe emprego e o mínimo de condições de sobrevivência, com ofertas de trabalho e lazer não vistas no OM.

Sendo assim, estes fatores causaram uma alteração no equilíbrio social e político dos países europeus, contribuindo para o ressurgimento do sentimento nacionalista no velho continente. Por isso, ganharam maior ascensão, neste aspecto, os partidos de extrema direita.

Em síntese, o cenário político-social na Europa sofreu grandes alterações desde o início da Primavera Árabe, agravado pela intensidade e continuidade da Guerra na Síria e do Iêmen. Estes fatos estão diretamente relacionados ao atual fluxo migratório que converge em direção ao velho continente.

Somado a isso, o *Brexit*, que foi a saída do Reino Unido da União Europeia, potencializou a instabilidade do ambiente político e social na Europa, convergindo no desenvolvimento do nacionalismo “moderno” e agravando o grau de incerteza econômica.

Ainda, é necessário destacar as mazelas que o preconceito e a xenofobia têm causado na Europa. Além disso, a discriminação junto aos estrangeiros refletiu em uma maior preocupação com a segurança nacional no continente europeu. Todo este cenário de insegurança e confusão social, resultou em um crescente nacionalismo moderno.

Assim, pode-se inferir que o atual cenário na Europa está diretamente ligado ao avanço das migrações, principalmente as de origem asiática, e a consequente xenofobia que se coloca transversalmente na sociedade europeia. Como resultado, a vida do europeu sofreu enormes transformações e levou ao fortalecimento de partidos políticos extremistas.

É importante ressaltar a importância desses achados para a sociedade brasileira e para o EB. Os atuais avanços das relações do Brasil com a União Europeia (UE), Europa e países do OM, podem sofrer reflexos diante da instabilidade causada pelos conflitos e migrações aqui estudados.

Sugere-se que outros estudos analisem, com maiores detalhes, os impactos econômicos do deslocamento de refugiados do Oriente Médio para o continente europeu e, principalmente, para o Brasil.

Por fim, os aspectos levantados neste estudo servem para destacar a necessidade de analisarmos a evolução dos deslocamentos populacionais num mundo cada vez mais globalizado.

REFERÊNCIAS

ABU-EL-HAJ, Jawdat. A geopolítica e o conflito Palestino-Israelense: Dos acordos de Oslo à primavera Árabe. *Historia (Brasil)*, v. 33, n. 2, p. 14–36, 2014.

ACNUR. Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados, Genebra, 1951. Disponível em:

<http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf>. Acesso em: 12/06/2022.

ACNUR. Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados, Genebra, 1951. Disponível em:

http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf>. Acesso em: 09/06/2022.

BBC. As diferenças entre sunitas e xiitas, que explicam boa parte dos conflitos no Oriente Médio. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51068470#:~:text=Cada%20um%20deles%20segue%20um,os%20sunitas%20como%20principal%20vertente.&text=A%20divis%C3%A3o%20remonta%20ao%20ano,es sa%20disputa%20continua%20at%C3%A9%20>. Acesso em: 23/05/2022.

BBC. Refugiados na Europa: a crise em mapas e gráficos. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150904_graficos_imigracao_europa_rm>. Acesso em: 08/08/2022.

BOLAFFI, Guido et al. *Dictionary of Race, Ethnicity & Culture*. Londres: Sage, 2003.

FETT, Priscila Liane, o Princípio da distinção nos conflitos armados não-internacionais contemporâneos: Síria, um estudo de caso, Rio de Janeiro, 2013, p 17-24.

ABU-EL-HAJ, Jawdat. A geopolítica e o conflito Palestino-Israelense: Dos acordos de Oslo à primavera Árabe. *Historia (Brazil)*, v. 33, n. 2, p. 14–36, 2014.

FELIPE, Luís; FELÍCIO, Mendes. O Daesh, a Crise dos Refugiados na Síria e a Xenofobia de Governo na Europa The Daesh and the Refugee Crisis in Syria and Governmental Xenophobia in Europe. . [S.l: s.n.], [S.d.].

G1, Globo. Eu ajudo as pessoas', diz traficante que manda afegãos à Europa Afegãos são segundo maior número de imigrantes e refugiados que tentam chegar ao continente, atrás apenas de sírios. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/10/eu-ajudo-as-pessoas-diz-traficante-que-manda-afegaos-a-europa.html>. Acesso em: 03/06/2022.

JOFFÉ, George. A Primavera Árabe no Norte de África origens e perspectivas de futuro. . [S.l: s.n.], [S.d.].

KIRCHOF, Adriana; SANTOS, Adriana. A crise de refugiados e o colapso do sistema europeu de asilo the refugee crisis and the collapse of the european asylum system. . [S.l: s.n.], [S.d.].

LEONI, Arianna. Direito internacional e imigração: a problemática da xenofobia nos países europeus. . [S.l: s.n.], [S.d.].

MAIA, Tatiana Vargas. Not All Fascisms Are Created Equal: A Comparative Perspective On The Politics Of Nationality In Interwar Germany And Italy. *História e Cultura*, Vol. 4, No. 1. 2015.

MAGNUS, Nicholas; BLIKSTAD, Deleuse; CONTENTO DE OLIVEIRA, Giuliano. A instabilidade financeira na zona do euro e a crise dos PIIGS (2008-2013): uma abordagem minskiana The Eurozone financial instability and the PIIGS crisis (2008-2013): a minskian approach *ÁREA 7: ECONOMIA INTERNACIONAL*. . [S.l: s.n.], [S.d.].

MIGUEL, Henrique; GARCIA, Alves. A união europeia e a crise migratória. O terrorismo e o conflito sírio. . [S.l: s.n.], 2017. Disponível em: <<https://www.ickr.com/photos/69583224@N05/15154683630/>>.

NOGUEIRA DA COSTA JÚNIOR, Carlos. Crise Migratória na Europa em 2015 e os Limites da Integração Europeia: uma abordagem multicausal Europe's Migrant Crisis in 2015 and the European Integration Limits: a multicausal approach. *Conjuntura Global*. [S.l: s.n.], 2016.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA MIGRAÇÕES. A Record 432,761 Migrants, Including Refugees Seeking Asylum in the European Union Have Crossed the Mediterranean so far in 2015. Disponível em: <<<http://missingmigrants.iom.int/en/record-432761-migrants-including-refugeesseeking-asylum-european-union-have-crossed-mediterranean>>>. Acesso em: 02/05/2022

OLIVEIRA, Catarina Reis; PEIXOTO, João; GÓIS, Pedro. A nova crise dos refugiados na Europa: O modelo de repulsão-atração revisitado e os desafios para as políticas migratórias. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 34, n. 1, p. 73–98, 2017.

QUEIROZ, Fábio De; KRISHNA-HENSEL, Sai Felicia. Uma avaliação das ciberameaças e das migrações como desafios para a Comunidade de Segurança Pluralista da União Europeia na Ordem Mundial 2.0. *Coleção Meira Mattos*, 11 Ago 2020.

REIS, Rossana Rocha. Soberania, Direitos Humanos e Migrações Internacionais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - Vol. 19 Nº. 55. 2004.

RICHMOND, A. H. Sociological theories of international migration: the case of refugees. *Current Sociology*, v. 36, n. 2, p. 7-25, 1988.

RÜCKERT. Aldomar A. Enquanto a União Europeia comemora sua nova política regional, refugiados batem à sua porta. *Revista Confins*, Rio Grande do Sul, n. 25, nov. 2015. <http://journals.openedition.org/confins/10596>. Acesso em: 16/04/2022.

SOFIA, Carlota; ARIAS, Garza. Refugiados na União Europeia: Análise da Política Europeia para os Refugiados. . [S.l: s.n.], [S.d.].

SMITH, Anthony. Dating the Nation. In: CONVERSI, Daniele. Ethnonationalism in the Contemporary World: Walter Connor and the study of nationalism. New York: Routledge, 2003.

UE. 2016. A UE e a Crise dos Refugiados. [Em linha]. Comissão Europeia Direção Geral da Comunicação. 24 de novembro de 2016. Disponível em: <http://publications.europa.eu/webpub/com/factsheets/refugee-crisis/pt/#whatis-refugee-crisis>. Acesso em: 09/08/2022.

WIEBUSCH, Larissa Alana. Conflitos Regionais e Migrações: consequências da guerra da síria para a imigração na Europa. . [S.l: s.n.], [S.d.].

XAVIER FERREIRA SOUSA, Francisco De. Os desafios à Europa impostos pelo Estado Islâmico The challenges imposed to Europe by the Islamic State Los desafíos impuestos a Europa por el Estado Islámico. . [S.l: s.n.], [S.d.].